



Agonia e desespero na transferência paradoxal*

René Roussillon**, Lyon

O artigo apresenta reflexões elaboradas a partir de uma pesquisa clínica baseada no acompanhamento de grupos de inter-visão ou de supervisão-pesquisa, compostos por psicanalistas membros da IPA e coordenados pelo autor. Essas reflexões se dirigem às situações-limites da psicanálise: os casos ditos borderline ou limites, os narcisistas e que envolvem formações transferenciais caracterizadas ora por reações terapêuticas negativas, ora por movimentos de transferência passional ou narcisista. O autor apresenta um modelo, reconstruído a partir das especificidades das conjunturas transferenciais, da gênese dos estados de desesperos absolutos, de agonia, que são determinantes nas clínicas da transferência paradoxal. É um modelo do trauma primário, um modelo do trauma que afeta a construção primordial da ligação com o objeto e do contrato narcísico de vínculo. Especifica o estado de desamparo pelo fracasso dos recursos internos, diferenciando-o dos estados psíquicos que resultam também do fracasso dos recursos externos que envolvem o objeto.

Descritores: situações-limite; transferência paradoxal; desamparo.

* Texto publicado por René Roussillon, Agonie et désespoir dans le transfert paradoxal. In: ANDRÉ, J. *Le temps du désespoir*. Paris: PUF, 2002.

** Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Paris, Grupo *Lyonnais de Psychanalyse*.



As reflexões que seguem foram elaboradas a partir de um dispositivo de pesquisa clínica baseado no longo acompanhamento de grupos de *inter-visão*, ou de *supervisão-pesquisa*, compostos por psicanalistas que expõem, de modo regular, tratamentos de casos difíceis em andamento há vários anos, pondo em xeque ou em dificuldade os parâmetros *clássicos* da psicanálise freudiana na qual estes psicanalistas foram formados¹. As conjunturas clínicas assim expostas dizem respeito, na maioria das vezes, a situações relacionadas com as *situações-limite da psicanálise*, como aquelas cujo panorama tentei esboçar em *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse (Paradoxos e Situações Limite da Psicanálise)* (Roussillon, 1991). Em formulações mais clássicas, tais situações concernem à análise de casos ditos *borderline* ou *limites*, ou ainda *narcisistas* e envolvem formações transferenciais caracterizadas ora por reações terapêuticas negativas, ora por movimentos de transferência passional ou narcisista. Todas essas situações põem em cena em maior ou menor medida o que D. Anzieu (1975) chamou de *transferência paradoxal*.

Estas conjunturas transferenciais, sobre as quais comecei a tomar conhecimento, muitas vezes quatro ou cinco anos após o início da análise, me interessaram por algumas características contratransferenciais induzidas pelo encontro da *transferência paradoxal* dos analisandos com a situação analítica e a técnica analítica corrente. Os parâmetros e prescrições técnicas do *tratamento-padrão*, ou considerado como tal, pareciam sofrer uma inflexão que desviava ou pervertia seu uso, chegando a gerar, no analista, uma dúvida quanto à pertinência dos mesmos e uma confusão de identidade que está na origem da decisão de expor ao grupo a história e a clínica da análise tal como se desenrolara até então.

Antes de passar à descrição mais detalhada dos traços mais pertinentes de tal inflexão e para estabelecer uma relação com o objeto de nosso encontro, o desespero, parece-me oportuno apontar que a elaboração dessas conjunturas transferenciais e de seu efeito interfere na contratransferência, e leva a considerar a contratransferência observável nesses grupos como uma modalidade de evitação da transferência e da atualização de um núcleo melancólico presente e mascarado no analisando, de uma forma de desespero existencial, ligado a um fundo traumático primário e vivências agonísticas clivadas da organização psíquica manifesta.

1. São analistas membros da IPA, já formados e credenciados, que se reúnem mensalmente em grupos de 7 ou 8 pessoas sob minha orientação. Para uma descrição detalhada desta metodologia, cf. R. Roussillon, 2001, Volume dos *Cahiers du CRPPC* de Lyon 2.



Algumas observações sobre a contratransferência paradoxal

A primeira diz respeito ao lugar da teoria ou da teorização psicanalítica nestes tratamentos. Muitas vezes, para não dizer na maioria das vezes, a suspensão da teoria na prática, suspensão que resulta da prescrição essencial ligada à manutenção da distância teoria-prática, tem muita dificuldade de poder ser efetiva. Tudo parece ocorrer como se várias intervenções do analista fossem, na verdade, guiadas por considerações *teóricas*, como se estas constituíssem uma forma de *aplicação* desta ou daquela teoria, ou fragmento de teoria, em detrimento da escuta livremente flutuante das cadeias associativas do analisando, se este termo mantém aqui algum sentido, ponto que retomaremos mais adiante.

Tudo parecia ocorrer como se o material de sessão precisasse ser *organizado* fora, por uma teoria encarregada de restituir-lhe a inteligibilidade, sem a qual a identidade do analista tinha dificuldade em se manter, e evitar uma certa desorganização. O próprio D. Anzieu (1975), no caso de conjunturas transferenciais análogas, não evoca a *ameaça de perder pé²* que o assalta no processo transferencial paradoxal.

Evidentemente, na prática psicanalítica, a referência a uma teoria, a uma teoria-guia, nunca está completamente ausente, mas, quando esta não assume um valor sobretudo defensivo, funciona principalmente como um apoio para a escuta, como uma teoria reconstruída *a posteriori* para tornar inteligível e consolidar aquilo que a escuta e o acompanhamento afetivo do analista já perceberam e extraíram das associações do analisando. Ela não se apresenta, então, como uma *máquina de influenciar*, como uma grade de escuta que precede a própria escuta e a orienta, tentando orientar, *convencer* o analisando, que resiste a esta forma de influência, e desviá-lo do fio de seu discurso. Era este caráter que ela ameaçava assumir em certos momentos, na evocação dos tratamentos dentro do grupo de intervenção.

Confrontando-me com tais movimentos, que me deixavam perplexo por se tratar de *bons* analistas, bem *formados*, comecei a me perguntar se o fato não estava sendo induzido pelo próprio funcionamento em grupo e pela posição de especialista que eu era chamado a ocupar. Ainda mais que os analistas solicitavam um suplemento de teoria, o aporte de outras teorias supostamente mais pertinentes do que aquelas que eles costumavam usar e que pertenciam à cultura de seu grupo de referência. Em seguida percebi que, em tais tratamentos, qualquer teoria, qualquer reflexão teórica estava ameaçada de funcionar mais ou menos da

2. N.R.: No original, *la menace de perdre pied*.



mesma maneira, com as mesmas características de uma teoria aplicada, até mesmo a teoria que propõe a suspensão da teoria na prática.

Uma vez perlaborado este ponto, restava, contudo, a questão do lugar peculiar e *resistente* da teoria na escuta, durante as próprias sessões de análise.

Num primeiro nível, a teoria parecia ter a mesma função que a atividade de teorização sexual exacerbada da criança confrontada com comportamentos demasiadamente excitantes e enigmáticos provenientes dos objetos significativos de sua história. Num segundo nível, pareceu-me que as *teorias* utilizadas pareciam vir ocupar o lugar vazio deixado por uma ausência de representação precisa da história dos analisandos *no cotidiano*, seja seu cotidiano *atual*, seja o cotidiano da trama das situações que estão na origem da construção de suas identificações narcísicas e objetais.

A teoria funcionava como uma representação *pronta* da história infantil dos analisandos, *pronta para interpretar*, como se fosse *estruturada* e despersonalizada pela teoria. Parecia ocupar o lugar da escuta da história efetiva, real, do analisando. Os pais eram *tipificados* pelo uso de uma teoria da projeção que, no fundo, equivalia a fazer do analisando o único ator de sua história, como que auto-engendrado pelo efeito de seus mecanismos próprios e independentemente das particularidades de seus objetos edípicos e do contra-édipo parental. No lugar de uma vida concreta, marcada por suas especificidades singulares, pelo traçado de seu percurso próprio, pelos meandros de seus acasos, a teoria propunha uma história infantil *estrutural*, uma história *típica*, em relação à qual o discurso do analisando era avaliado e interpretado. O analista instalara-se no lugar de um *suposto saber*, e seu analisando estava ameaçado de tornar-se um *sujeito teórico*, muitas vezes bem distante daquele que se podia ouvir estar tentando encontrar um lugar nas sessões.

Uma outra característica *técnica* continuava a delinear o quadro contra-transferencial. Tudo o que o analisando evocava na sessão tendia a ser sistematicamente reduzido à relação com o analista, no aqui e agora da sessão. A interpretação de transferência não era mais a ferramenta útil para formular aquilo que se atualiza da história do analisando no aqui e no agora da sessão, o que ameaça a situação de influência ou de sedução. O menor fato ou gesto de um analisando que estava desesperadamente tentando construir uma exterioridade era, com isso, reduzido à relação com o analista. O analista, sem querer e muitas vezes sem nem mesmo nitidamente se dar conta, comportava-se então dessa maneira. Ou era entendido, não sem razão, pelo analisando, como um objeto que atribui tudo a si mesmo, que se apropria de tudo o que está ao seu alcance, tal como uma mãe narcísica que atribui a si mesma todos os fatos e gestos de seu filho, que não pára



de constituir-se como o personagem mais importante da vida do filho, de tornar-se o herói da história do outro. As condições da relação com uma imago materna narcísica tendiam, portanto, a repetir-se no tratamento, a atualizar-se e a repetir-se mais que se desconstruir e se analisar. S. Ferenczi já havia identificado tal perigo de repetição.

A função da interpretação de transferência e da interpretação da transferência invertia-se portanto, seja pela maneira como o analisando a recebia, seja pela maneira como ela era produzida e formulada pelo analista. Quando começaram, no trabalho de grupo, a interrogação e a superação de tal posição técnica, surgiu então a impressão de que esta era reacional à forte ameaça, vivida pelo analista, de não existir realmente para seu analisando, de não ser levado em conta por este, de ser apenas um objeto subjetivo. Tornar estrutural a história do analisando, colocar-se no primeiro plano da cena analítica apresentavam-se, então, como o efeito de uma tentativa de oposição a uma forma de ameaça de aniquilamento transferenceal, de perda de referências. Veremos mais adiante com que aspectos da transferência isso podia estar relacionado, mas, por enquanto, continuemos o levantamento dos dados contratransferenciais típicos da transferência paradoxal.

Dois outros traços pareciam também significativos da reação aos aspectos paradoxais da transferência. O primeiro concerne à posição da realidade e da realidade psíquica e o segundo à posição das fantasias originárias e do sexual.

Não é preciso dizer que a escuta na sessão compreende, ou procura compreender, graças à atenção livremente flutuante através das realidades evocadas nas associações, tal como se tramam os fios de uma outra realidade, a realidade psíquica, que encontra um meio de se fazer representar pelas ou através das cenas e fatos evocados. Não há uma antinomia essencial entre os diferentes níveis de realidades em causa, não há razão especial para duvidar das realidades apresentadas pelo analisando. É a função causal das mesmas, seu efeito de máscara e de revelador que será sobretudo compreendido. É o modo como obstruem o acesso às dimensões propriamente fantasmáticas ou transferenciais que deslocará sua abordagem interpretativa. A análise trata mais de verdade que de realidade. Em contrapartida, quando a realidade histórica ou material evocada na sessão tende a ser questionada pelo analista, quando, para este, parecem opor-se realidade e realidade psíquica, quando, portanto, a relação realidade *externa* e realidade *interna* se *détritionnalise*³ na escuta, surge inevitavelmente um certo mal-estar que ameaça as próprias condições de uma escuta psicanalítica, a *recomposição do quadro dos anos esquecidos*.

3. N.R.: Optou-se por manter a palavra no original para indicar o sentido de separação transitória.



Isto é o que o paciente diz, mas eu sei bem que, na realidade, ocorre de modo diferente, que ele projeta seu mundo interno na realidade externa, assim poderia ser resumida a atitude de escuta suspeita que transparece então.

O analista duvida, põe-se a duvidar das realidades e fatos evocados, em nome da consideração da realidade psíquica profunda. Realidade *objetiva* ou apresentada como tal pelo analisando e *realidade psíquica* ou apresentada como tal pelo analista opõem-se, tornam-se incompatíveis: estabelece-se, então, uma relação de força silenciosa, à qual o analisando nem sempre tem os meios de se opor abertamente. A fantasia não pode mais ser, então, aquele *mestiço* que Freud (1938) evoca, aquela formação psíquica portadora das realidades vividas na primeira infância, *teorizadas* em nome das dominâncias pulsionais do momento. Tornando-se *pura* realidade psíquica, a fantasia perde todo contato com a realidade histórica, deixa de ser modo de re-presentation. A psique não é mais fator de transformação subjetivante de uma história, ela *produz* uma realidade, independentemente de qualquer história. É justamente o que ameaça desrealizar a análise, entrar em colusão com o auto-engendramento narcísico do analisando.

Assim sendo, o recurso à referência às fantasias originárias na interpretação, recurso que, novamente, é muitas vezes sistemático, surge como uma maneira de tentar reintroduzir o sexual no lugar de onde tinha sido expulso e onde era ignorado pelas condições da escuta, desistoricizante.

O conjunto desses traços contratransferenciais, nos quais se vê a maneira relativamente insidiosa como a situação é invertida em sua função e seus desafios, levou-me a lançar a hipótese de uma forma de transferência *por reversão*⁴, que me parece caracterizar as formas da transferência nas quais uma problemática narcísica-identitária está crucialmente envolvida. A inquietação do analista, seu *desespero psicanalítico*, e as organizações ideológicas implicadas parecem resultar do paradoxo, da dupla carga paradoxal que a transferência *por reversão* faz pesar sobre as condições da escuta.

De um lado, o analista tem relativamente boas razões para ouvir, na transferência que se estabelece na situação analítica, formações transferenciais dominadas pelo processo de deslocamento, em que se deslocam para o analista as antigas modalidades relacionais instaladas na relação histórica com os personagens significativos da história do analisando. Porém, do outro lado, e de maneira clivada, uma outra transferência, um outro processo transferencial vem *duplicar* o primeiro, sem antagonismo manifesto, no qual o analista é posto no lugar da criança que

4. N.R.: No original *transfert par retournement*, significando que aquilo que o sujeito viveu passivamente, retorna e, ativamente, faz com que o analista o viva.



o analisando foi frente a seus objetos e, singularmente, daquilo que ele teve de repudiar de si mesmo para manter a relação narcísica com os mesmos.

O analista *resiste* a esta outra face da transferência, em nome da detecção da transferência *por deslocamento*, prende-se a este primeiro nível de escuta que possui sua pertinência, o que aumenta a confusão. Mas cada vez que tenta intervir em tal nível, confronta-se com aquilo que a clivagem mantinha separado, e sua intervenção se vê *revertida* pela ação do processo separado, *revertido* em seu sentido e sua meta por aquilo que da transferência não é ouvido. Um poder insidioso pouco a pouco toma conta da análise, um poder marcado pela imobilização do processo analítico ou sua *reversão* de sentido, poder que mostra formas de identificações narcísicas incorporativas.

A *sombra do objeto recai sobre o ego*, mas ela é o próprio ego e é então assimilada, e toda interpretação relativa ao ego em confronto com seus movimentos pulsionais encontra, sem saber, o objeto incorporado e confronta-se com os traços desse objeto atuante, como um corpo estranho, mas não reconhecido enquanto tal, do interior do sujeito.

A *sombra do objeto recaída sobre o ego* não caracteriza a melancolia, a melancolia em si mesma, mas o modo como o sujeito se defende por assimilação incorporativa contra a vivência de desespero ligada ao desejo representativo que a incorporação tende a mascarar. A perlaboração dos processos de incorporação, das *inclusões imagóicas* (Luquet, 1963), dá então acesso à escuta de um quadro clínico relativamente específico, que parece caracterizar o encontro do sofrimento narcísico-identitário com a situação analítica.

Alguns traços do quadro clínico das patologias narcísico-identitárias

Como dissemos de início, a análise das defesas narcísico-identitárias faz com que a situação analítica sofra uma inflexão significativa em seus parâmetros e na sua lógica de base. Temos consciência do que pode ser forçado ao querer fazer uma tipologia de tal inflexão, sobretudo depois do que evocamos quanto à posição teórica. A diversidade dos processos dificulta serem encaixados num rol de traços característicos que tentariam estabelecer sua *tipicidade*.

Entretanto, os diferentes tratamentos acompanhados nos sete grupos de intervenção, com cerca de cinquenta casos, todos apresentam uma suficiente frequência de certas particularidades para que a tentativa de expô-las valha a pena, apesar de seus limites reais. Esta tentativa permitirá, além disso, completar nossa compreensão das particularidades contratransferenciais induzidas pela clínica das si-





tuações-limites.

Para começar, podemos fazer um levantamento sistematizado de todos os traços que marcam a leve modificação do campo analítico da situação analítica. Alguns já foram largamente descritos pelos analistas, outros podem aparentar uma formulação mais nova.

– Percepção e sensação dominam a organização das cadeias associativas, confundem as referências respectivas da representação e da alucinação, põem em crise a relação com a realidade, tanto interna quanto externa.

– O superego tem seu valor organizador atenuado em proveito do desdobramento das formas do ideal do ego e do par idealização-depreciação aniquilante.

– O recalque dá lugar à clivagem, clivagem *do* ego, e ao recuo dessubjetivante, clivagem *no* ego e na integração subjetiva.

– No mesmo movimento, a culpa ligada ao conflito de ambivalência dá lugar às formas dos efeitos da culpa inconsciente, ou mesmo às formas da vergonha de ser e de sua recusa.

– Portanto, o paradoxo tende a substituir a conflitualidade psíquica. A inversão, simples ou múltipla, repete ou substitui o deslocamento e sua função metaforizante.

– Como o auto-erotismo tem dificuldade em estruturar-se como tal (ou seja, como vetor da interiorização das representações de objeto), produzem-se, em seu lugar, processos de auto-sensualidade de procedimentos autocalmantes ou de autocuras que passam a dominar a organização das cadeias associativas.

– Nestas condições, a primazia do princípio de prazer tem muita dificuldade para passar à frente da compulsão à repetição. As lógicas da escolha que acompanham a lógica do prazer parecem subvertidas pelo efeito das lógicas da compulsão, dupla ou múltipla, que contribuem para estruturar a forma paradoxal da situação.

– Assim, o compromisso não pode formar-se produzindo os processos de luto que lhe são necessários. Tropeça em impasses existenciais que implicam em desamparo, desespero e desengajamento reacionais. O processo de desilusão dá lugar às formas narcísicas da decepção, da injustiça e do dano. A ilusão é substituída pelo logro, pela falácia, pelo falso, pelo fútil, ou até mesmo pela ilusão negativa desesperante de ter de dispensar a ilusão para viver.

– A referência organizadora no par atividade-passividade é extrapolada pela primazia da oposição revolta-submissão.

– A negatividade substitui a capacidade de negação, a destrutividade prevalece sobre a agressividade, a fúria sobre a raiva, todas tendem a separar na outra face aquilo que a transferência procura coletar e integrar numa primeira versão .





– As lógicas do objeto perdido-reencontrado são substituídas pelas lógicas da busca de um objeto que não pode ser encontrado, de um potencial não-advindo de si. A necessidade de pôr no presente da experiência subjetiva, necessidade de atualizar na transferência e na vida aquilo que não pôde ocorrer por estar, em seu tempo, no núcleo da sexualidade infantil, substitui a diluição representativa da falta e da ausência.

– A identificação narcísica, ou mesmo a confusão identificatória com aquilo que, do objeto, não pôde ser encontrado e assimilado, e também com aquilo que, do potencialmente familiar, manteve uma posição de intruso ou de estranheza, obtura o fracasso da introjeção representativa do objeto da falta. A identificação é *narcísica*, tapa o buraco, ou a hiância⁵, da ausência de representação, não derivando mais do processo de simbolização da ausência.

– Quando começa a perder essa função de sutura, a identificação narcísica não leva à vivência de uma falta gerativa de angústia-sinal e de trabalho de simbolização, mas à forma *degenerativa* da angústia primária, no impasse de um mundo sem saída.

– O analista não pode senão acompanhar afetivamente a vivência desta *des-cida ao inferno*, deste encontro com o fundo traumático enquistado que é subjacente às agonias psíquicas reatualizadas na transferência. Qualquer tentativa de procurar abreviar ou aliviar muito rápido a dor psíquica do analisando não faz senão aumentar tal sofrimento e acrescentar solidão a esse sofrimento, desespero ao desamparo.

– A agonia não é *analísável*, não é interpretável, solicita simplesmente uma presença e um *compartilhamento de afeto*, graças ao qual pode tornar-se *tolerável*. O analista deve suportar a impotência na qual a situação o coloca e fazer dela uma boa oportunidade para representar e reconstruir seu contexto de emergência.

– De fato, mesmo que a agonia não seja interpretável, tudo o que pode torná-la inteligível para o analisando deverá ser cuidadosamente reconstituído. Tolerar e tornar inteligível a agonia pode, ao longo do tempo, permitir que saia do centro do estado emocional do analisando e que se torne interpretável e integrável nas coordenadas clássicas do funcionamento psíquico.

O conteúdo deste quadro possui sua heurística própria. Ele mostra, ponto por ponto, a distância do processo paradoxal das *situações-limites* em relação a uma forma melhor dosada e mais facilmente analisável dos *estados neuróticos*, mas aumenta a impressão de impasse pelo acúmulo de suas configurações, ele

5. N.R.: No original *béance*: conceito de Lacan, difícil de traduzir. Em inglês corresponde a *gap*. A *béance* corresponde a uma espécie de *vazio* dentro do ser.





próprio fazendo desesperar. Para complementar, talvez seja necessário também retrazar a história da dinâmica e da articulação do processo em sua totalidade, que poderá então indicar e explicar as vias de liberação possível.

A dinâmica da transferência paradoxal

O ponto de partida da análise desta dinâmica paradoxal que liga transferência e contratransferência dirá respeito às modalidades associativas dos analisandos em questão. A associação livre, como se sabe hoje, é raramente usada inicialmente na análise, mesmo sendo prescrita desde o início. Representa mais uma conquista que o processo torna lentamente possível. Entretanto, o analista espera que a situação analítica ofereça logo uma certa liberdade representativa que só será moderada de maneira significativa pela atualização transferencial de um pedaço da história esquecida do analisando. Esse momento chama, então, a interpretação. Isso significa que o enunciado da regra comporta o esperado implícito de *representações psíquicas* que podem ser identificadas enquanto tais. Nas conjunturas clínicas de que trata meu estudo, o analista é realmente capaz de compreender *representações* psíquicas no discurso associativo do analisando, mas tais representações se apresentam mais à subjetividade deste último como percepções. E os afetos, por sua vez, tomam mais a forma de sensações que de emoções propriamente falando. As cenas evocadas na sessão não valem tanto por sua pertinência em fazer ouvir as fantasias operando, quanto por sua função interativa.

Assim, a palavra não se apresenta tanto como um aparelho para refletir aquilo que, de si, não pode ser compreendido claramente. Parece antes comandada por um imperativo de evacuação, de colocação para fora de si, de exclusão, com o qual vão colidir as tentativas de interpretações *restitutivas*, que serão apenas recebidas como o retorno *em boomerang* daquilo que procurava alojar-se fora, como retorsão interpretativa. O aparelho de linguagem surge, sobretudo, como um aparelho de ação e de interação, encarregado de transmitir aquilo que, do analisando, não pode mais ser compreendido, visto ou sentido de si mesmo, aquilo que ele repudia de seu mundo interno. O analista é chamado a tornar-se o *espelho do negativo do analisando*, a ser portador daquilo que o analisando não pôde integrar de sua história, daquilo que não tem lugar *de existir* nele, mas que não cessa de ameaçá-lo de um retorno desorganizador.

Pode-se alegar, com razão, que se trata de um aspecto bastante geral da transferência, no sentido de que esta justamente tem sempre componentes à espera de integração subjetiva. A especificidade do que procuro descrever diz respeito





ao fato de que aquilo que busca abrir caminho para a via transferencial não se apresenta aqui como representações de fantasias ou representantes-afetos, com os quais o analista poderia sentir-se em harmonia ou em empatia. O material não se apresenta sob forma de representação reconhecida como tal, e toda tentativa de empatia parece deparar-se, pelo menos num primeiro tempo, com uma recusa, como se não proviesse de um objeto reconhecido como *espelho* ou *duplo* potencial de si mesmo, idealizado demais para ter a si mesmo como medida, ou, ao contrário, como se não proviesse de um objeto autenticamente separado e diferenciado.

A transferência por *reversão* demonstra, assim, sobretudo a impossibilidade de constituir o analista como *duplo* potencial de si. Todas as interpretações que procuram enfatizar o trabalho da diferença vêm, então, alimentar esta forma de clivagem eu/outro, aumentando-a ainda mais. Ou, ao contrário, fazem com que o sujeito se desespere por jamais encontrar *o compartilhamento de afeto* a que aspira secretamente. Sensibilizado aos poucos por esta dupla compulsão, o analisando sente-se, então, incapaz de utilizar o setting analítico, sente-se mal, tomado por algum *demônio do mal* gerador de paradoxos que só pode conduzi-lo à insatisfação, a menos que busque seu recurso na acusação, projetada no analista, de alguma *malignidade* do analista ou da própria análise. A ameaça de ruptura terapêutica encontra-se, assim, no horizonte de cada sessão, a menos que uma outra forma de desengajamento relacional a substitua, que se instale o silêncio ou o banal, a palavra privada de desafios, tomada pela rotina das sessões, que, em seu tédio, é repetitivamente renovada. É aí que o desespero persegue o analisando e também o analista.

A situação é então ameaçada de encontrar-se num impasse, como se apresentem num impasse os diferentes projetos de vida do analisando. As lógicas da compulsão parecem substituir as lógicas da escolha que poderiam testemunhar um possível primado do princípio de prazer, o paradoxo substitui o conflito. Paradoxo de uma pulsão que não se deixa interpretar como se estivesse esperando a forma subjetivada do desejo, que parece antes se tornar antagonista, forma da compulsão. Compulsão e compulsão de repetição ocupam o primeiro plano transferencial. O analista é tentado a evocar, para si mesmo, o efeito da pulsão de morte, isso para evitar, sem dúvida, o espectro da derrota, ou ainda, dependendo de suas preferências, um masoquismo de morte que teria perdido suas virtudes de *guardião da vida psíquica*. Nestas condições, prazer e satisfação se separam, um não leva mais ao outro como sua conseqüência natural, como seu ponto de chegada esperado. Ao contrário, o prazer deixa o gosto amargo de uma satisfação frustrada, de um encontro que não pôde ocorrer, de uma solidão abandonada que



também faz desesperar, sinal do fracasso indefinidamente encontrado. É no coração do ser que a falta está implantada, é uma falta de ser, de poder ser, mais que falta no ser, falta do objeto.

Nestas condições, os *fragmentos da análise do id*, dos quais todo analista espera benefício integrativo, trabalho de luto e progresso da análise, não liberam seu potencial subjetivante e apropriativo. No lugar do luto esperado, classicamente aquele das formas infantis de satisfação, o analisando encontra o desamparo e o desespero, ameaça de um retrocesso ainda mais dessubjetivante do que desobjetalizante, propriamente falando. O analisando retira-se de si, anestesia-se, reprime seus impulsos, antecipa o fracasso por vir, inibe-se para não se decepcionar ou cai na revolta, no ataque paranóide, na inveja, na destrutividade. Todo o trabalho realizado parece então ter de ser retomado.

Em tais conjunturas, o analista *freudiano* não deixará de se perguntar que objeto foi assim perdido e é desesperadamente procurado, procurado e não-encontrado, não-encontrável. Pergunta-se que objeto *perdido* falta ser representável, reencontrado na representação, reencontrado pela representação. O analista trabalha neste sentido, também busca, interpreta o esforço para encontrar a mãe da origem, o pai da horda pessoal, apóia-se na teoria, reconstrói a partir da teoria uma *tentativa de representação do objeto perdido*, teoria do objeto de um vínculo primordial, do qual não poderia se separar, que não poderia abandonar, teoria de um objeto-eu, de um objeto não-separável de si. Será um trabalho em vão, ou quase, se o analista se limitar a isso.

À análise dos *fragmentos do id* deve articular-se, como Freud recomenda em 1938, *a análise dos fragmentos do ego*, a análise da especificidade das experiências subjetivas subjacentes às defesas narcísicas que estão em primeiro plano. A problemática do objeto perdido-reencontrado é típica de uma história marcada por uma forma de vínculo primordial⁶ dominado pela criação de um vínculo com um objeto suficientemente bom que acolhe, sustenta, suficientemente bom *duplo de si* para tomar a forma do *objeto auto-regulador* evocado por D. Stern (1985), objeto que assegura os ajustes suficientes para que a ligação afetiva possa ocupar seu lugar estruturante para o narcisismo.

6. Teoria do vínculo e teoria psicanalítica da sexualidade infantil não são incompatíveis, pelo contrário, elas se completam, desde que se queira considerar que a autoconservação na qual se apóia a sexualidade infantil não é uma autoconservação puramente biológica, mas que ela inclui também o que Winnicott (1971) chama de *as necessidades do ego*, ou seja, na compreensão desta noção que proponho, tudo o que deve ser fornecido ao sujeito para que ele faça seu trabalho de apropriação subjetivante, de interiorização da experiência subjetiva. A sexualidade infantil adquire então o sentido, na linha evocada por Freud, de ser o vetor *auto* da interiorização da experiência, já libidinalizada pelos elementos homossexuais primários desta, de encontro com o objeto.



O objeto *perdido* teve de ser primeiro encontrado, constituído como objeto de recurso⁷, de segurança, como objeto de satisfação, como objeto encontrado/criado, de acordo com a expressão muito pertinente de Winnicott (1971). Mas para que o objeto seja *encontrado*, seja encontrado-criado, requer-se do mesmo um certo número de características que nem sempre se encontram nos primeiros contatos. Quando o objeto não foi encontrado, quando o objeto potencialmente criado pela alucinação da criança não encontra a percepção efetiva da mesma, quando falta o trabalho de ajuste que poderia aproximá-las o suficiente para que se ajustem, então, o objeto não pode ser *perdido* no sentido habitual do termo, não se produziu assim, não foi encontrado-criado.

Evidentemente, para preservar a unidade da teorização, sempre se pode dizer que o objeto está perdido e, por isso, deve ser buscado. Sem dúvida, é bom procurar manter a unidade da teoria, mas desde que não se perca no caminho a heurística complementar da descrição diferencial das formas clínicas que a diversidade do trabalho psicanalítico pode fornecer ao analista. A *decepção* que a criança deve sofrer para passar à simbolização da falta não é da mesma natureza, não tem os mesmos efeitos e não produz as mesmas *reações* nos casos em que ocorre de imediato, em que impede a construção da homossexualidade primária e, portanto, os auto-erotismos derivados. Ou seja, não é a mesma dos casos em que afeta a criança mais tardiamente, quando toma então a forma da necessidade da renúncia a um ideal do *tudo, tudo em um, imediatamente, sozinho, tudo junto*⁸, que já fora, contudo, apreendido na ilusão narcísica primária do encontrado-criado.

O objeto perdido, após ter sido encontrado na ilusão narcísica primária, pode ser reencontrado na representação, a qual possui os traços subjetivos a partir dos quais pode realizar seu trabalho de retomada-transformação. Isto nem sempre é óbvio, mas a desilusão é possível quando a ilusão a precede e quando o processo não é brutal demais. Por outro lado, quando é a própria organização da ilusão primitiva que falha mais ou menos parcialmente, a desilusão dá lugar ao desespero, ainda que a esperança possa ter tomado forma suficientemente.

Em suma, retomando a noção proposta por Winnicott (1971), o objeto não se mostrou *utilizável* para a experiência de satisfação ou sua interiorização subjetiva. É esta conjuntura e seus efeitos na organização narcísica que se *transferem*

7. N.R.: No original, *objet de recours* – objeto ao qual se recorre para obter segurança quando existe desamparo.

8. N.T.: Em francês, o autor faz um jogo de palavras com a palavra *tout* (tudo): *Tout, tout en un, tout de suite, tout seul, tout ensemble*. Em português, não foi possível manter tal jogo.





na situação analítica e desviam todos os seus parâmetros⁹. A agonia psíquica ou a defesa contra a agonia, o desespero *absoluto* ou as formas de sua recusa encontram-se, então, às portas do processo transferencial.

Se o analista então se engaja em um trabalho de reparação do dano suposto, numa tentativa de reparação, ou se reage contra esta tentativa, se resiste, ele então perde o essencial do trabalho psicanalítico possível. Tenta contra-investir a atualização transferencial da agonia e das formas do desespero existencial, em vez de acolher o núcleo doloroso da experiência subjetiva, que tenta colocar-se no presente da transferência. Uma de minhas analisandas, perante os esforços desastrosos mobilizados pelo iniciante que eu era, na época, para tentar tirá-la do auge de seu sofrimento, explicou-me o seguinte princípio *técnico*: *Quando encontramos um homem completamente desidratado, abandonado no deserto, dar-lhe de beber demais e muito rápido pode matá-lo. É preciso saber contentar-se em simplesmente molhar seus lábios com algumas gotas d'água, até que suas funções recuperem suas capacidades plenas.* A bom entendedor, meia palavra basta!

A situação deve ser *mantida* enquanto necessária, e qualquer esforço para tentar abreviar seu prazo só vai aprisionar a dor e o desamparo do analisando no impasse das formas do desespero sem fim, sem fundo, do desespero *absoluto*. A reparação nunca cura, nunca por si só diretamente. Somente o *compartilhamento de afeto* empático alivia a solidão que caracteriza o desespero, somente a inteligibilidade o torna aceitável e relativo, superável.

O compartilhamento de afeto passa muitas vezes pela nomeação deste. É sempre discreto, pudico, jamais ostentatório; não aceita dramatização, excesso, demonstra simplesmente que um acompanhamento do outro é possível numa certa medida. Não faz senão recuar o ponto em que o sujeito se sente só, não o faz recuar senão até o ponto em que a solidão pode permitir que ele se sinta diferenciado, sujeito único, até o ponto em que pode tirar de sua solidão matéria para individualizar-se. Em um dos tratamentos relatados em *O Brincar e a Realidade*, Winnicott (1971) evoca aquele momento determinante do tratamento em que seu analisando consegue dizer-lhe: “Comecei a esperar quando você me disse que não tinha mais esperança, e você continuou a análise”.

O compartilhamento de afeto não cura, apenas instala as condições para que uma auto-inteligibilidade advenha e possa ser apropriada, para que a análise possa prosseguir.

9. Poderíamos dizer também, retomando as descrições das formas primordiais do vínculo patológico, que as situações-limites representam formas da transferência das condições dos vínculos ditos *resistentes* ou evitativos, ou ainda *ambivalentes*, mais que aquelas ditas *desorganizadas* pelos teóricos do vínculo, o que D. Anzieu (1975) reuniu sob o conceito de *vínculo em negativo*.





Isto significa que a busca da inteligibilidade da vivência de agonia psíquica é, por outro lado, o essencial da tarefa especificamente psicanalítica. Aqui, novamente, ela se depara com alguns paradoxos que o analista deve aceitar encontrar e tolerar. Winnicott (1971) propôs situar a problemática essencial daquilo com que a análise é confrontada, tal como a do *uso do objeto*, tomando o cuidado de ressaltar o quanto a tarefa do analista alcança seu limite e se insere num paradoxo insuperável.

Mesmo *sabendo* que aquilo que ele é levado a reconstruir como sendo a *realidade em si* (Winnicott, 1971) do objeto significativo, um dia, deverá ser considerado apenas como *simples* projeção de seu analisando. O analista aceita, então, considerar a realidade *objetiva* da falha histórica do mesmo. *O objeto em si* não existe, não existe para uma psique adulta, o objeto é sempre representação do objeto. Porém, para um bebê ou para um ser tomado pelo desamparo das origens da psique, o objeto existe *em si* objetivamente. A objetividade, para um bebê, é aquilo contra o qual ele nada pode fazer, que o deixa impotente, é o que ele não pode transformar, ajustar a suas necessidades através de meios próprios. A objetividade é uma categoria subjetiva, é relativa a um estado de organização da subjetividade.

Permitir a inteligibilidade da agonia é tornar possível formular aquilo que, do objeto, foi *inutilizável* naquele momento para aquele bebê; imprevisibilidade, inacessibilidade, inconstância, indisponibilidade, insensibilidade, intransformabilidade, inautenticidade, indiferença, etc. É situar no modo de presença do objeto a maneira como este estava *ausente*, inatingível, a maneira como estava surdo para o desamparo, a maneira como tornou inevitável que a falta ou a espera implícita neste desamparo levasse ao desespero absoluto. É a representação e a reconstrução daquilo que tornou o desespero *absoluto*, o que permite que este último se torne apenas relativo, relativo a um tempo, relativo a um objeto, relativo a uma característica do objeto num determinado tempo, relativo a um fragmento da experiência subjetiva histórica.

Uma rápida ilustração clínica. Paule atravessa um momento agonístico. Tarde da noite, telefona para a residência de seu analista, num estado de angústia e de desamparo agudo. Sente-se muito culpada por transgredir deste modo as regras da análise que ela conhece, mas sente-se num tal impasse, prestes a cometer *uma asneira*. O analista a escuta, depois lhe diz simplesmente que ela talvez precisasse sentir que ele podia estar disponível para ela em caso de necessidade. Na sessão seguinte, Paule pergunta-se por que era tão importante saber, naquele momento, que o analista podia ter um pensamento voltado para ela, podia acolhê-la pelo menos por telefone. O analista não interpreta de que modo a questão da cena



primitiva podia estar envolvida, ele espera. Nas semanas seguintes, Paule poderá associar aos poucos sobre a indisponibilidade de sua mãe, sobre suas próprias vivências frente a um objeto *fechado*, sem espaço de acolhida, sem lugar, sobre seus ataques de pânico em lugares abertos, sem refúgio. O analista poderá, então, perlaborar suas angústias e agonias precoces perante uma mãe *psiquicamente ausente*, sempre ocupada com algo, e também perante uma mãe que *se afasta e se fecha* quando Paule comete algum desvio desagradável àquela. Os esforços de Paule para tentar restabelecer o contato com o outro, o modo como ela mesma pode *fechar-se* para tudo, inclusive para si mesma, o modo como deve então ir *procurá-la*, pouco a pouco adquirem sentido neste contexto.

Mais tarde, muito mais tarde, um outro episódio de chamada noturna permitirá ao analista fazer a ligação entre a indisponibilidade do objeto e a imagem de um casal unido à noite, que a excluía.

Por essência, a experiência infantil ou precoce não conhece o limite, o relativo, o tempo. Realiza-se no absoluto de um presente eterno, realiza-se numa totalidade existencial. Quando é reativada na transferência, apresenta-se novamente com as mesmas características existenciais, com o mesmo caráter absoluto, atemporal. Por isso, apresenta-se sempre como atual, sem fim, sem esperança, sem tempo. Não é o inconsciente que está fora do tempo, é a experiência precoce vivida antes da organização da temporalidade que não contém indício temporal, sinal de fim, saída. Sua reconstrução como experiência pertencente ao passado, sua recomposição contextualizada reintroduz uma temporalidade lá onde ela estava ausente de vivência e, assim, data, limita, inscreve esta última numa relatividade que permite à organização secundária retomar seus direitos e funções. Somente o analista pode tomar a iniciativa disto, cabe a ele reintroduzir o tempo, a temporalidade, isto é, o caráter passado, representativo daquilo que se apresenta na transferência.

A interpretação de transferência, a interpretação no aqui e agora da sessão *atualiza* a experiência esquecida, permite *dramatizá-la* de novo com outro objeto, permite encontrar ou criar no presente do tratamento uma saída diferente daquela que levou ao enquistamento histórico da experiência. Mas esta saída pressupõe que o analisando possa perceber como *representação*, como *transferência*, aquilo que o assalta assim. Supõe que a intervenção de transferência contenha mais ou menos implicitamente uma interpretação da transferência, que ela designe como transferência, representação, aquilo que se atualiza. Nas conjunturas clínicas que nos interessam, e é justamente o que confere ao processo seu caráter *desesperante*, a experiência vivida no presente não é representada como reedição do passado esquecido, ela é atual, atemporal, presente, não é vivida como transferência, é



vivida fora do tempo. A intervenção de transferência deve-se, pois, dialetizar em um trabalho de *reconstrução*, de recontextualização histórica, das circunstâncias ou conjunturas relacionais de sua emergência primeira. É este trabalho que permite aumentar o distanciamento mínimo sem o qual a situação é ameaçada de confusão temporal e que mantém tal situação e a angústia num nível tolerável.

O tempo do desespero

Para concluir, eu gostaria de apresentar agora o modelo, reconstruído a partir das especificidades das conjunturas transferenciais que acabo de descrever, da gênese dos estados de desesperos *absolutos*, de agonia, que me pareceram determinantes nas clínicas da transferência paradoxal evocadas¹⁰. É um modelo do trauma *primário*, um modelo do trauma que afeta a construção primordial da ligação com o objeto e do *contrato narcísico de vínculo*¹¹ que deve então se estabelecer.

O inevitável ponto de partida clínico de uma concepção psicanalítica deve ser o sujeito em luta com uma moção pulsional ou uma primeira forma de excitação pulsional. É sempre esta problemática que orienta o raciocínio e o sentido de seu desdobramento.

Frente a uma pressão pulsional, o sujeito, por mais precoce que seja sua organização, tenta tratá-la com os meios de que dispõe conforme tempos diferentes: alucinação da satisfação, auto-erotismo, primeiras formas de simbolização, evitação primária quando as *soluções* primeiras não são eficazes. O modelo traumático supõe que esta primeira *bateria* de meios não é suficiente ou é inadequada para o processamento da excitação, porque tais meios são transbordados pela intensidade da mesma.

Este fracasso, fracasso das *respostas* internas, dos recursos internos, coloca o sujeito num estado de desamparo. Específico o estado de desamparo pelo fracasso dos recursos *internos*, o diferencio dos estados psíquicos que resultam também do fracasso dos recursos externos que envolvem o objeto. O estado de desamparo é um estado de impotência vivida, de desprazer. É um estado de falta, se comportar, além disso, a preconcepção de um objeto de recurso, de um estado de esperança, por mais vagamente determinado que seja. O estado de desamparo

10. Para uma análise mais completa, cf. R. Roussillon (1999). *Agonie, clivage, symbolisation*. PUF.

11. Esta fórmula é construída a partir da noção de *contrato narcísico*, proposta por P. Aulagnier (1975), cruzada com a referência ao fato de que tal noção me parece englobar um dos aspectos essenciais daquilo que chamamos de vínculo.



combinado com a preconcepção de um objeto de recurso produz um estado de falta, que também é um estado de expectativa e de esperança em relação a tal objeto.

Se o objeto *criado*, e assim solicitado pela falta, se apresentar à preconcepção, se, portanto, o objeto for *encontrado* ou puder ser encontrável, se se deixar encontrar ou se prestar à necessidade do sujeito ainda não diferenciado de seu desejo – os primeiros representantes psíquicos da pulsão não diferenciam a representação do afeto, nem a necessidade do desejo –, a moção pulsional encontra satisfação. O sujeito percebe no objeto encontrado, seja este descoberto como objeto externo ou não, o objeto de sua falta ou um objeto suficientemente semelhante a este para ser considerado o objeto da falta. De acordo com a expressão de D. Stern (1985), o objeto pode, ou poderá, então, tornar-se *um outro regulador de si*, com o qual poderá potencialmente estabelecer um *contrato narcísico*. O objeto será reconhecido como objeto da falta, como o objeto que falta ao sujeito, como o objeto no qual este deposita sua esperança. É na progressão desta construção do vínculo primordial que o trabalho de separação-diferenciação encontrará seu sentido, que a experiência de destruído-encontrado (Roussillon, 1991) poderá adquirir o sentido de uma descoberta da exterioridade do objeto e permitirá a organização do conflito de ambivalência e a organização geral da conflitualidade psíquica. O objeto tornou-se um objeto de vínculo e um objeto de investimento erótico. Nesta base, ternura pelo vínculo e paixão pelo erótico deverão aprender a se diferenciar.

O que mais nos importa é aquilo que ocorre quando o objeto não está presente na preconcepção do objeto da falta, não está presente no desamparo intrínseco na preconcepção ou na proto-representação do objeto oriunda das reivindicações da moção pulsional primitiva. A clínica dos estados narcísico-identitários impõe explicar como o objeto não responde à expectativa da criança, como *decepciona* a expectativa, como se ausenta do contrato narcísico potencial, como o torna inutilizável: mostra-se inconstante ou inatingível, indisponível, inapreensível, insensível... A qualidade particular da vivência de desespero que disso resultará dependerá muito especificamente das condições do fracasso do encontro calmante e *satisfatório*. O desespero sempre diz respeito ao estado que acompanha a agonia psíquica envolvida pela manutenção prolongada de um estado de falta sem satisfação, por um estado de falta que se *degenera* então em estado agonístico, pelo encontro com aquilo que, embora preconcebido, não advém. O desespero resulta da vivência agonística, da vivência do fracasso da satisfação, resulta das modalidades de encontro com um objeto *inutilizável* como objeto de recurso, inutilizável por não apresentar a *conjunção constante de elementos* (Bion, 1970), ou



suficientemente constante, que torna o objeto *utilizável*. Mas não se resume à vivência da experiência agonística.

A experiência agonística produz uma vivência extrema, sem fim, sem saída, sem representação, sem recurso seja interno ou externo. Somente produz um estado de desespero absoluto se o sujeito atribuir a si mesmo objeto e causa do estado agonístico, se tentar escapar da agonia através da recusa daquilo que ela deve ao fracasso do encontro com o objeto, com aquele objeto, aquele objeto primeiro e prototípico, se se tornar desespero de si, melancolia, recusa da falta do objeto, através de sua forma degenerada, se se tornar desespero *narcísico*.

Mais tarde, secundariamente, o desespero buscará suas causas fora, *projetará* para o outro, para os outros e para suas falhas, sua razão de ser. Tentará encontrar fora sua causalidade primeira, mas com fundo de defesa contra a convicção primordial e fundamental do seu desespero. A experiência mostra que, enquanto esse fundo *narcísico* do desespero não for alcançado, qualquer tentativa de externalização é condenada ao fracasso, a mais ou menos longo prazo, quer ela se assemelhe às *reparações* ineficazes que evocamos anteriormente, quer se baseie apenas na recusa do fundo de culpa primária, do mal primeiro implantado no núcleo do ser pela marca da agonia e de sua auto-afecção narcísica. Porém, inversamente, a técnica psicanalítica que faz da necessidade da interiorização seu emblema de exercício também está em colusão com o postulado narcísico mortífero que estabelece que tudo aquilo que se encontra em si encontra sua razão de ser em si e apenas em si.

Não há o que interiorizar, tudo já está no interior, profundamente no interior. Há, sim, o tornar consciente sobre que processo narcísico se alicerça esta interioridade, sobre que base de recusa da história da autoconstrução esta interioridade se constituiu, que fracasso da simbolização tenta suturar, que experiência enquistada continua assombrando as alcovas atópicas de seu mundo interno.

Tudo, tudo em um, sozinho, auto-engendrado, desesperadamente. □

Abstract

Agony and despair in paradoxical transference

The article presents reflections prepared from clinical research based on the follow-up of *inter-vision* or *supervision-research* groups composed of psychoanalysts who are members of IPA and coordinated by the author. These reflections are directed at *situations of psychoanalysis at the limit*, the cases called borderline or limit situations, the narcissists, and those that involve transference





René Roussillon

formations characterized sometimes by negative therapeutic reactions, or at other times by passionate or narcissist transference movements. The author presents a model that has been reconstructed from the specificities of transference situations, from the genesis of states of *absolute* desperation, of agony, that are determining factors in paradoxical transference clinics. This is a model of *primary* trauma, a model of trauma that affects the primordial construction of the connection with the object and of the *narcissistic bond contract*. He specifies the state of helplessness due to the failure of *internal* resources, distinguishing it from the psychic states that also result from the failure of external resources involving the object.

Key words: borderline situations, paradoxical transference, helplessness.

Resumen

Agonia y desesperación en la transferencia paradójica

El artículo presenta reflexiones elaboradas a partir de una pesquisa clínica basada en el acompañamiento de grupos de *inter-visión* o de *supervisión-pesquisa*, compuestos por psicoanalistas miembros de la IPA y coordinados por el autor. Esas reflexiones se dirigen a las *situaciones-límite del psicoanálisis*: los casos llamados *borderline* o *límites*, los *narcisistas* y que envuelven formaciones transferenciales caracterizadas o por reacciones terapéuticas negativas, o por movimientos de transferencia pasional o narcisista. El autor presenta un modelo del trauma que afecta la construcción primordial de la ligación con el objeto y del *contrato narcísico de vínculo*. Especifica el estado de desamparo por el fracaso de los recursos *internos*, diferenciándolo de los estados psíquicos que resultan también del fracaso de los recursos externos que envuelven el objeto.

Palabras llave: situaciones límites; transferencia paradójica; desamparo.

Referências

- ANZIEU, D. (1975). Le transfert paradoxal. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, v. 12, p. 49-72.
BION, W. R. (1970). *Attention et interpretation*. Paris: Payot.
FREUD, S. (1937). *L'analyse avec fin et l'analyse sans fin: résultats, idées, problèmes*. v. 2. Paris: PUF; 1985.
LUQUET, P. (1963). *Les identifications*. Paris: PUF; 2003.
ROUSSILLON, R. (1991). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF.





Agonia e desespero na transferência paradoxal

———. (1999). *Agonie, clivage, symbolisation*. Paris: PUF.
STERN, D. (1985). *Le monde interpersonnel du nourrisson*. Paris: PUF.
WINNICOTT, D.W. (1971). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard; 1975.

Recebido em 10/03/2004
Aceito em 28/04/2004

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão técnica de **Gisha Brodacz** e **Luciane Falcão**

René Roussillon
12 Quai de Serbie
69006 – Lyon – France
E-mail: rene.roussillon@wanadoo.fr

© PUF, 2002.